

Editorial - Revista *Sapere Aude*. V. 1 N. 2. 2010

Magda Guadalupe Santos*

Este segundo número de *Sapere Aude*, revista do Departamento de Filosofia da PUCMINAS, contempla uma gama de temas que perpassam a temporalidade da razão filosófica em seus vários matizes. Diferentemente do primeiro, que dedicamos à especulação da natureza e finalidade da Filosofia, num processo de demonstração do envolvimento de professores com a prática e as formas de conhecimento filosófico, temos neste novo número uma nova preocupação: buscar um itinerário de tópicos significativos que ressaltem, sobretudo, a profundidade do espaço de representação teórica que a Filosofia nos faz estabelecer.

A importância da história fica nele bastante evidente, dos antigos aos contemporâneos, com formas de exploração discursiva bastante vasta. Da variação de saberes e de suas formulações, apreende-se a complexa tarefa do leitor de buscar o sentido que cada texto e os textos entre si possam realçar, em verdadeira polissemia de análises das variantes interpretativas da Filosofia. Proponho que nos firmemos um pouco neste ponto, para vermos, dessa ótica da recepção, o valor de uma revista de Filosofia de cunho acadêmico, que todavia interage com as questões da sociedade e do mundo em que se vive. Valeria lembrar as palavras de Dom Mol Guimarães, grande filósofo e também *archonte* desta Universidade, o qual assevera que, para além da “ostentação ou vaidade”, há de se construir o orgulho acerca da correção de uma trajetória acadêmica que leve sempre a sério o ato de fazer bem e que consiste no sentimento de que “toda e qualquer ação resulta da busca de uma sociedade melhor e de mais respeito pelo outro” (GUIMARÃES, 2010, p. 7).

Na dimensão teórica a que ora nos atamos, a questão da recepção da Filosofia é, certamente, base primordial para a elucidação e a valoração da relação com o outro e do respeito por ele. Antes de tudo, vale delimitar certo alcance ético-antropológico que tanto os textos do presente volume quanto a própria *Sapere Aude* nos permitem evidenciar. Se o místico, o pessimista, a feminista, o amante, o intérprete, o docente e também o irreverente

* Professora do Departamento de Filosofia no Instituto Dom João Resende Costa da PUCMINAS. E-mail: magda.guadalupe@yahoo.com.br

são figuras da humanidade problematizadas pela Filosofia e, em especial, neste volume, na verdade, tal como menciona Simone de Beauvoir, é preciso evidenciar aí a singularidade do indivíduo humano – embora, “num certo sentido, um indivíduo é, de fato, pouca coisa”. Justamente por isso vale seguir de *modo correto* a inteireza de se ser apenas um indivíduo, mesmo que “reduzido à pura facticidade” de uma presença, “fixa em sua imanência”, na qual cada um de nós não é “senão uma coisa entre as coisas” (BEAUVOIR, 2005, p. 83-84).

Mas a Filosofia é também aquela que nos faz acreditar estarmos inseridos num mundo. Ainda que, de certa ótica, seja este privado de sua transcendência, é ele, este mundo, o lugar privilegiado em que a transcendência se desvela. Do mesmo modo que se estivéssemos a todo instante diante de uma fotografia que nos dá, em seu negativo, a forma sem as cores e a inteireza corpórea que dela esperamos, o mundo analisado pela Filosofia é também o mundo textual, no qual a positividade das formas, das cores, da matéria e do sentido se projeta.

Eis porque há de se ressaltar a relevância temática da *recepção* no âmago teórico e discursivo da Filosofia. Texto e leitor – e todo o processo de interação – constituem, no entendimento de Wolfgang Iser, a base de possibilidade para a teorização acerca do efeito textual, que se desenvolve na complexidade da leitura. Por meio dos artigos da *Sapere Aude*, o que se tenciona é realmente provocar no indivíduo leitor, em cada um de nós, bem situado no conforto aparente de nossos lugares comuns, justamente a necessidade de verdadeira “reorganização dos sistemas de referência que o texto designa mediante seu repertório” (ISER, 1987, p. 11). Sem dúvida, este é um processo que inclui a interpretação, mas é sobretudo o que conduz a cada um de nós, como indivíduos leitores das reflexões sobre o mundo, a operações elementares que se produzem por meio da interação com o texto e do *efeito estético* que aí se constrói. Iser o nomeia de *efeito estético* justamente porque, embora causado pelo leitor, exige propriamente a atividade de representação e de percepção deste mesmo leitor, com a finalidade de condução a uma espécie de diferenciação de atitudes. O filósofo da Escola de Konstanz e um dos criadores da *Estética da Recepção* está nos orientando para uma *teoria do efeito*, na medida em que demonstra ser o texto algo mais do que um simples documento que comprova a existência de algo, mas “uma reformulação da realidade já formulada” (ISER, 1987, p. 12).

Não se trata aqui de teorizar acerca dos juízos históricos de cada indivíduo leitor, mas de ressaltar a preocupação e o valor do próprio texto, de se voltar aos filósofos para se redescobrir, por meio deles, este nosso imenso mundo. Além do mais, nesse momento, o que se demonstra é também a fundamentação de possíveis discussões dialógicas de cada indivíduo diante da ressignificação da leitura e de sua interpretação. Surge assim a percepção dos condicionamentos históricos que se projetam nas reações dos leitores frente às questões propostas em cada texto deste volume. E, em cada leitura, a relação da Filosofia com a realidade humana evidencia o caráter antropológico que nossa revista persegue.

Se, ainda referendando-me nas considerações de Dom Mol Guimarães (2010, p. 7), o intento maior que nos une nesta Universidade deveria ser o de uma “competência ética”, então o ato de “fazer bem e, essencialmente, para o bem” não deveria se apresentar em formas distintas de ação. Assim, o que nossa revista projeta e, em especial, este volume, bastante polifônico na tematização da própria reflexão filosófica, é a possibilidade de aguçar critérios para discutir e apontar a validade e a relevância da reflexão filosófica no mundo em que vivemos e, em especial, no âmago da nossa Universidade. Que se busque sempre a coerência intrínseca de seu sentido em teoria e em ação – e, sobretudo, na compreensão de que a invenção do sentido é uma tarefa humana por excelência, e só ao indivíduo “portador do *logos*, aberto ao ser e à verdade” (VAZ, 1994, p. 9), é possível o risco contínuo de enunciar o sentido e de interpretar as razões do conhecimento e do saber.

Não só isso, mas o próprio amor ao conhecimento, em razões do viver, para que cada qual não se perca jamais na representação desmesurada de si.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambigüidade**. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

GUIMARÃES, Dom J. Giovanni Mol. Sobre o sentimento de grandeza. **Revista da PUCMINAS**, no. 2, nov. 2010, p.7.

ISER, Wolfgang. **Der Akt des Lesens**. Theorie “ästhetischer Wirkung. München: Fink, 1976.

VAZ, H.C.de Lima. Sentido e não-sentido na crise da Modernidade. **Síntese**. Nova Fase, v.21, n. 64, jan.-março 1994, p.5-14.